


**AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM PARA CRIANÇAS SURDAS: USO DE ALFABETO  
DATILOLÓGICO NO ENSINO INFANTIL**

**LANGUAGE ACQUISITION FOR DEAF CHILDREN: USE OF FINGERPRINT  
ALPHABET IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION**

**ADQUISICIÓN DEL LENGUAJE PARA NIÑOS SORDOS: EL USO DEL ALFABETO  
DACTILOLÓGICO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL TEMPRANA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-022>

**Data de submissão:** 03/11/2025

**Data de publicação:** 03/12/2025

**Jeanie Liza Marques Ferraz de Macedo**

Doutoranda em Ciência de Literatura

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: jeanieliza@gmail.com

**Charles Lary Marques Ferraz**

Doutorando em Linguística

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

E-mail: charles.lary@gmail.com

**Priscilla Fonseca Cavalcante**

Doutora em Linguística

Instituto Nacional de Educação de Surdos

E-mail: pcavalcante@ines.gov.br

**Luciane Cruz Silveira**

Doutora em Linguística

Instituto Nacional de Educação de Surdos

E-mail: lsilveira@ines.gov.br

---

**RESUMO**

Este artigo apresenta uma proposta metodológica inovadora para atividades de alfabetização, que incorpora o uso de datilologia como ferramenta para memorizar e auxiliar crianças surdas. Essa abordagem se assemelha ao alfabeto escrito no processo de aprendizagem, promovendo uma educação bilingue. A pesquisa, fundamentada na metodologia qualitativa (Lüdke; André, 1986), recolhe dados mediante a execução da atividade com utilização de datilologia. Trata-se de uma investigação exploratória, que visa aprimorar ideias e descobrir novos conceitos (Gil, 2002). Essa atividade é fundamental para a inserção na educação bilingue e contribuirá para a melhoria da formação de professores das séries iniciais.

**Palavras-chave:** Datilologia. Alfabetização. Educação Bilingue.

**ABSTRACT**

This article presents an innovative methodological proposal for literacy activities, which incorporates the use of fingerspelling as a tool to memorize and assist deaf children. This approach resembles the written alphabet in the learning process, promoting bilingual education. The research, based on

qualitative methodology (Lüdke; André, 1986), collects data by carrying out the activity using finger language. It is an exploratory investigation, which aims to improve ideas and discover new concepts (Gil, 2002). This activity is essential for inclusion in bilingual education and will contribute to improving the training of teachers in the initial grades.

**Keywords:** Finger Language. Literacy. Bilingual Education.

## **RESUMEN**

Este artículo presenta una propuesta metodológica innovadora para actividades de lectoescritura, que incorpora el uso de la dactilología como herramienta de memorización y asistencia a niños sordos. Este enfoque se asemeja al alfabeto escrito en el proceso de aprendizaje, promoviendo la educación bilingüe. La investigación, basada en una metodología cualitativa (Lüdke; André, 1986), recopila datos mediante la ejecución de la actividad mediante la dactilología. Se trata de una investigación exploratoria que busca refinar ideas y descubrir nuevos conceptos (Gil, 2002). Esta actividad es fundamental para la inclusión en la educación bilingüe y contribuirá a mejorar la formación del profesorado en los primeros grados.

**Palabras clave:** Dactilología. Lectoescritura. Educación Bilingüe.

## 1 INTRODUÇÃO

Em um mundo que demanda níveis crescentes de qualificação, a alfabetização se torna um pilar essencial para a vida em sociedade, contribuindo diretamente para a melhoria das condições de vida do indivíduo. Através dela, é possível expandir horizontes e adquirir novos saberes. Conforme destaca Ferreira (2007, p. 55) as crianças possuem capacidade reflexiva e compreensiva, além do direito de se tornarem cidadãs também no âmbito da escrita. Dessa forma, é fundamental que o indivíduo desenvolva a habilidade de elaborar e expressar pensamentos por meio da linguagem escrita. A escola hoje é a principal instituição responsável por desenvolver o potencial da leitura e escrita assim como demais habilidades, tendo um papel na formação da criança como cidadão. Portanto, são notórios os desafios encontrados na alfabetização, professores, metodologias, processo de aprendizagem das crianças, e vários fatores a serem analisados.

É nesse anseio, cuja pesquisa foi desenvolvida. Como é o processo de ensino? Como é o processo de aprendizagem das crianças na alfabetização? No que as crianças apresentam dificuldades em relação à escrita? A datilografia pode contribuir como metodologia alfabética?

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 LIBRAS COMO LÍNGUA NATURAL

A trajetória da língua de sinais é extensa e pode ser iniciada com a fundação da primeira escola para surdos em Paris, no ano de 1712. Na época, Charles-Michel de L'Épée teve contato com irmãs gêmeas surdas que utilizavam gestos para se comunicar. Ao observar o sistema de sinais que elas empregavam, ele desenvolveu um método de ensino baseado no alfabeto manual, incorporando elementos da língua francesa. Esse processo marcou o início da educação formal para surdos, levando ao surgimento do que mais tarde foi denominado sinais metódicos (Wilcox, 2000).

No Brasil, a introdução da educação para surdos ocorreu quando D. Pedro II enviou uma comitiva à França e, posteriormente, convidou o professor surdo francês E. Huet para atuar no país. Após sua chegada ao Rio de Janeiro, ele solicitou a verba ao imperio para custear a educação de surdos e estabeleceu, em 1857, uma instituição voltada para a educação de surdos, inicialmente com 18 alunos, chamada de Imperial Instituto dos Surdos-Mudos – atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Sua abordagem pedagógica baseava-se no uso da língua de sinais francesa e no alfabeto manual, permitindo que os alunos surdos adquirissem a língua através da interação com um professor também surdo.

No entanto, em 1880, durante o Congresso de Milão, foi decretado que o ensino da língua de sinais seria proibido, sendo substituído pelo método oral puro. Esse modelo de ensino priorizava a

oralização, fundamentado na crença de que a fala auxiliaria no desenvolvimento das crianças surdas. Como consequência da decisão do congresso, a metodologia oralista foi amplamente adotada e a língua de sinais foi excluída das práticas escolares (Strobel, 2008).

Somente a partir da década de 1980, de acordo com Lane (1992), a comunidade surda começou a reivindicar o reconhecimento da língua de sinais como legítima e necessária na educação de crianças surdas. Esse movimento defendia não apenas o direito ao uso da língua, mas também o reconhecimento da identidade cultural surda e sua transmissão às novas gerações.

Com a difusão das línguas de sinais pelo mundo e o fortalecimento da luta pelos direitos da comunidade surda, pesquisas, protestos e iniciativas culturais ajudaram a legitimar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um idioma genuíno dos surdos. Como resultado desse movimento, a legislação brasileira passou a reconhecer a Libras, culminando na promulgação da Lei 10.436, que consolidou seu status oficial.

Esse avanço garantiu aos surdos maior acesso a direitos linguísticos, equiparando-os à comunidade ouvinte no que se refere ao uso e respeito por sua língua materna, ou seja, a Libras como primeira língua (L1).

## 2.2 ALFABETO MANUAL

Ao abordar a língua de sinais, é fundamental discutir o alfabeto manual. Existe uma concepção equivocada de que conhecer o alfabeto manual significa ser fluente em língua de sinais. Contudo, as línguas de sinais possuem uma estrutura complexa, com um vocabulário extenso formado por sinais que representam conceitos e significados diversos.

A prática de ensinar surdos por meio do alfabeto manual remonta à Idade Média. O monge espanhol Pedro Ponce de León (1520-1584) é considerado um dos pioneiros nessa abordagem. Segundo Goldfeld (2002), ele utilizava uma metodologia combinada, que envolvia datilologia (representação manual das letras), escrita e oralização para instruir surdos pertencentes à nobreza. Além disso, Ponce de León fundou uma escola especializada na formação de professores de surdos e ensinava disciplinas científicas como astronomia e física (Goldfeld, 2002).

Outro educador relevante nesse contexto foi Juan Martin Pablo Bonet (1579- 1623). De acordo com Strobel (2009), Bonet desenvolveu uma abordagem pedagógica que unia sinais, técnicas de oralização e o alfabeto manual para educar um aluno surdo de uma família aristocrática. A importância de sua contribuição para a educação de surdos também é enfatizada por Castro Junior (2014), que destaca o impacto de suas práticas no ensino e na disseminação do uso da datilologia na comunicação com surdos.

O êxito de Bonet na educação de surdos despertou o interesse do rei Henrique IV, que o concedeu o título de Marquês de Frenzo. Além disso, Bonet escreveu uma obra na qual detalhou seu método de ensino baseado na oralização e enfatizou a relevância da introdução precoce do alfabeto manual no processo educativo de surdos, conforme apontado por Strobel (2009, p. 20).

Figura 1 - Abecedário utilizado por Juan Martin Pablo Bonet



Fonte: BONET, Juan Pablo, 1620.

É importante ressaltar que o alfabeto manual não constitui uma língua independente, mas sim um recurso utilizado por usuários de línguas de sinais para representar palavras por meio da soletração (Gesser, 2009, p. 28). Sua principal finalidade é facilitar a comunicação, sendo especialmente útil para expressar termos que não possuem sinais específicos, como nomes próprios, siglas e palavras desconhecidas.

No entanto, conforme observa Gesser (2009, p. 30), a soletração não deve ser encarada como um objetivo final, pois palavras frequentemente soletradas podem ser substituídas por sinais próprios. Além disso, assim como cada nação tem sua própria língua de sinais, também conta com um alfabeto manual distinto.

Figura 2 - Alfabeto Manual Britânico



Fonte : Alfabeto Manual Britânico, 2010

O alfabeto manual utilizado no Brasil, foco desta pesquisa, é formado por 27 configurações de mão, incluindo o grafema "ç", representado por uma variação da letra "c" com um movimento trêmulo (Gesser, 2009, p. 30). Como já destacado, todas as letras desse alfabeto são executadas com uma única mão. Além disso, conforme Gesser (2009), também é possível expressar sinais de pontuação, como ponto final, vírgula e outros elementos gráficos.

Figura 3 - Alfabeto Manual da Libras



Fonte: Alfabeto Datilológico – ilustrado por João Félix (apud Castro Junior, 2014, p. 39).

Além de compreender o alfabeto manual, é essencial diferenciar datilologia e soletração rítmica. De acordo com Castro Júnior (2014, p. 37), a datilologia, também conhecida como alfabeto manual, se distingue da soletração rítmica, que consiste no uso das letras do alfabeto manual de maneira cadenciada. A soletração segue regras gramaticais específicas e, por isso, exige que tanto o emissor quanto o receptor sejam alfabetizados.

A datilologia tem um papel fundamental no ensino, servindo como um recurso valioso para educadores e estudantes (Gesser, 2012, p. 146). Sua aplicabilidade se evidencia em situações do dia a dia, como na busca por sinais de palavras ou nomes. Além disso, a incorporação da datilologia nas práticas pedagógicas voltadas para crianças surdas contribui para o desenvolvimento do letramento bilíngue. Embora a aprendizagem da Libras deva ser priorizada, a introdução da datilologia desde os primeiros anos escolares pode auxiliar na assimilação de palavras em língua portuguesa.

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo analisar e refletir sobre o ensino da datilologia para crianças surdas na educação infantil, buscando compreender se essa abordagem favorece o processo de letramento dentro da educação bilíngue.



### 2.3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E LETRAMENTO VISUAL

A aquisição da linguagem por pessoas surdas e o ensino da língua portuguesa escrita são temas amplamente pesquisados há décadas. Diversas abordagens pedagógicas foram desenvolvidas ao longo da história da educação de surdos, e suas aplicações resultaram em novas investigações sobre o tema.

O estudo do desenvolvimento da linguagem é essencial para a formação de professores de línguas, pois possibilita a compreensão dos estágios de aquisição da linguagem em crianças, contribuindo para a formulação de metodologias de ensino eficazes. Assim, é imprescindível refletir sobre as estratégias mais apropriadas para atender às necessidades específicas dos alunos surdos.

### 2.4 A CONCEPÇÃO INATISTA DE CHOMSKY

O linguista e filósofo Noam Chomsky desenvolveu a Teoria do Gerativismo, uma abordagem inovadora que transformou a maneira como a linguagem humana é compreendida. Segundo essa teoria, a capacidade de adquirir uma língua é inata ao ser humano, ou seja, faz parte da sua natureza biológica desde o nascimento. Chomsky argumenta que a criança não é um mero receptor passivo de informações linguísticas, mas um agente ativo que utiliza sua capacidade inata para construir seu próprio conhecimento da língua. Ao ser exposta a um idioma, a criança absorve os dados linguísticos, conhecidos como input linguístico, para desenvolver sua gramática internalizada, ou seja, o conjunto de regras que regem a língua (Silva; Silva; Melo, 2015, p. 92).

A língua consiste em um sistema de estruturas e conceitos organizados por regras específicas. Essa organização é fundamental para a maturação da capacidade linguística inata (Silva; Silva; Melo, 2015, p. 93). Dessa forma, conforme Chomsky, todos os seres humanos possuem uma predisposição natural para o desenvolvimento da linguagem. A exposição a um ambiente comunicativo é essencial para que a criança receba os estímulos necessários ao aprendizado da língua materna. Com base em suas experiências individuais, cada criança desenvolverá sua linguagem de maneira singular.

### 2.5 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM PARA CRIANÇAS SURDAS

Jean Piaget (1896-1980), renomado teórico, dedicou-se ao estudo da construção do conhecimento na infância, analisando a interação entre o indivíduo e o ambiente. Sua teoria do desenvolvimento infantil esclarece os processos de aquisição da linguagem, do pensamento e da inteligência, evidenciando como as crianças progridem em sua compreensão do mundo (Gomes, 2017).

Além disso, seus estudos explicam o desenvolvimento cognitivo e a formação de diversos processos mentais, como percepção, raciocínio, linguagem e inteligência (Gomes; Gredin, 2017, p. 2).



Inspirada pela teoria de Piaget, a pesquisadora Ronice Quadros conduziu estudos sobre o desenvolvimento linguístico de crianças surdas.

A linguagem vai além de um simples meio de comunicação. Ela possibilita a expressão de sentimentos e pensamentos, a construção de conhecimento por meio do ensino e da aprendizagem, a interação com diferentes culturas por meio da tradução e a conexão entre indivíduos de diversas maneiras. Sua importância é tamanha que, conforme afirma Lima (2007, p. 15 apud Souza et al., 2014, p. 148), ela marca o início da nossa imersão na cultura, tornando-nos sujeitos capazes de realizar transformações antes consideradas impossíveis.

O processo de aquisição da linguagem em crianças surdas ocorre de maneira semelhante ao das crianças ouvintes, com a única diferença na modalidade comunicativa: enquanto a língua de sinais é visual-espacial, a língua oral é oral-auditiva. Independentemente da modalidade, a aquisição da língua materna se dá de maneira natural e espontânea, desde que haja exposição ao input linguístico no ambiente em que a criança vive (Quadros, 2008).

Duas realidades distintas se apresentam na aquisição da linguagem por crianças surdas. Quando nascem em famílias de pais surdos, a aquisição da LIBRAS ocorre naturalmente e sem dificuldades, o que corresponde a apenas 5% dos casos. Já as crianças nascidas em famílias de pais ouvintes enfrentam desafios, pois os pais, geralmente, não dominam a LIBRAS, dificultando a comunicação e a aquisição linguística natural (Souza et al., 2014, p. 148). Os filhos de pais surdos desenvolvem a linguagem de sinais de forma espontânea, pois convivem com um ambiente comunicativo rico desde o nascimento.

Já os filhos de pais ouvintes, por não terem acesso imediato à LIBRAS, podem apresentar atrasos na aquisição linguística. Pesquisas sobre a aquisição da língua de sinais mostram que seu desenvolvimento segue padrões similares aos de outras línguas. Segundo Quadros (2008), tanto crianças surdas quanto ouvintes passam por estágios semelhantes na aquisição da linguagem. Isso indica que o processo de aquisição da língua de sinais pode ser dividido em quatro estágios, compartilhando características comuns com outras línguas (Quadros, 2008, p. 67; Quadros, 1997, p. 63-80).

No período pré-linguístico (0 a 1 ano), bebês surdos e ouvintes desenvolvem simultaneamente o balbúcio oral e manual. Com o tempo, o bebê surdo tende a abandonar o balbúcio oral, enquanto o bebê ouvinte deixa de utilizar o balbúcio manual. Essa semelhança sugere que ambos possuem uma capacidade linguística inata que se manifesta de maneira espontânea. Enquanto o bebê ouvinte desenvolve a linguagem oral-auditiva, o bebê surdo desenvolve a capacidade linguística visual-espacial por meio dos gestos (Quadros, 1997, p. 63-80).

Durante o desenvolvimento da linguagem, bebês surdos substituem o balbucio oral pelo balbucio manual, enquanto bebês ouvintes fazem o inverso. Essa transição ocorre porque a modalidade linguística recebida pela criança (input) influencia a maneira como ela se expressa (Quadros, 2008). A partir do segundo estágio, que corresponde à fase de uma palavra ou um sinal (1 a 2 anos), a criança surda começa a sinalizar, utilizando um único sinal para expressar sentenças inteiras.

Nessa fase, tanto crianças surdas quanto ouvintes deixam de utilizar apontações para indicar objetos e pessoas. Em vez disso, crianças surdas começam a desenvolver a linguagem visual da LIBRAS, enquanto crianças ouvintes passam a pronunciar suas primeiras palavras. No terceiro estágio, por volta dos dois anos, a criança combina dois ou mais sinais para formar expressões mais complexas. Embora o momento exato dessa transição varie, essas combinações resultam da observação da ordem gramatical da língua. A criança surda começa a organizar os sinais gramaticalmente, estabelecendo relações como sujeito-objeto ou sujeito-verbo-objeto (Quadros, 1997, p. 63-80).

O quarto e último estágio do desenvolvimento linguístico em crianças surdas é o das múltiplas combinações, que ocorre entre 2 anos e meio e 3 anos. Nesse período, a criança expande seu vocabulário e começa a compreender e utilizar aspectos gramaticais mais avançados da língua de sinais. Esses estágios são observados principalmente em crianças surdas filhas de pais surdos, que têm acesso precoce à LIBRAS. Segundo Quadros (2008), a semelhança no processo de aquisição de diferentes línguas e modalidades reforça a teoria da Gramática Universal, que sugere que a capacidade da linguagem é inata nos seres humanos.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa será realizada com abordagem qualitativa, envolvendo contato direto e prolongado com o ambiente e a situação investigada (Lüdke e André, 1986). O método de pesquisa exploratória será utilizado para aprimorar ideias e descobrir novos conceitos (Gil, 2002). A pesquisa analisará o uso do alfabeto manual da Libras no processo de letramento visual, especialmente no ensino de palavras através da datilologia. O estudo de caso foi escolhido como procedimento de pesquisa, pois permite a apresentação e análise de dados detalhados.

A coleta de dados busca identificar os desafios na ampliação do vocabulário e no desenvolvimento da escrita em língua portuguesa. A pesquisa foi realizada na residência da criança participante, localizada de Unamar, no estado do Rio de Janeiro.

### 3.1 ÉTICA DA PESQUISA

Este estudo respeitou os princípios éticos de pesquisas com seres humanos, seguindo as normas da Resolução CNS nº 466/12. Foram elaborados Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o anonimato dos participantes e a utilização dos dados exclusivamente para fins acadêmicos.

### 3.2 O SUJEITO DA PESQUISA

Neste tópico será explicado pouco sobre o sujeito da pesquisa. Essas informações foram disponibilizadas pela sua mãe.

A participante da pesquisa, que chamaremos de 'Paola', é uma criança surda de 4 anos, cuja perda auditiva tem origem genética familiar surda. A criança apresenta fluência em Libras compatível com sua faixa etária. Inicialmente estudou no INES, depois frequentou por um ano uma escola na Gávea, retornando posteriormente ao INES. Atualmente está matriculada em uma escola inclusiva em Niterói. A mãe da criança, também surda, possui formação em Pedagogia e Letras-Libras, mestre e é doutoranda em Ciência da Literatura. A mãe possui fluência em Libras, o que proporciona um ambiente linguístico favorável para a filha.

Figura 4 – Mãe e Filha



Fonte: elaboração dos autores.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada mediante a execução de atividades, o que permitiu observar como criança surda e mãe se interagem durante o aprendizado de alfabetização quase um ano e meio.

Durante a pandemia, a mãe relata que foi um momento muito difícil para ela. Relatou ter vivenciado um período de grande desafio emocional, pois suas duas filhas surdas ficaram quase dois

anos e meio sem frequentar presencialmente na escola. As aulas eram todas online, mas, infelizmente, para crianças surdas, participar dessas aulas trouxe muitos prejuízos na aprendizagem. Na época, elas não tinham o hábito de ficar sentadas assistindo às aulas online, e a situação era ainda pior para as crianças surdas ficavam em casa com os pais ouvintes sem comunicação, que a família não era usuária de Libras. Isso impactou profundamente o desenvolvimento das crianças surdas em grande maioria delas.

No caso de “Paola” e sua irmã, família surda, a comunicação foi mais acessível facilitando a interação, mas, mesmo assim, foi um período difícil. Diante desse desafio, a mãe cuja formação que possui, decidiu reforçar o aprendizado das filhas surdas criando categorias visuais em casa. Ela colou fotos na parede com categorias, como cores, e diariamente trabalhava essas palavras por meio da datilologia, repetindo várias vezes até que elas fixassem os conceitos. Além disso, utilizou jogos, como o jogo do saco de cores, inspirado no material de *Ronice Müller de Quadros e Magali L. P. Schmied, "Ideias para ensinar português para alunos surdos"*<sup>1</sup> Esse material destaca a importância da leitura e da escrita, enfatizando a repetição, a memorização e a fixação das palavras como estratégias pedagógicas para o ensino do português para surdos, desde a alfabetização até o ensino fundamental.

Essas estratégias podem ser aplicadas também dentro de casa, ajudando a família a reforçar o aprendizado. A mãe de Paola, por exemplo, ampliou os contextos ao contar histórias relacionadas às cores, incentivando as filhas a responderem por meio da datilologia, o que as ajudava a memorizar melhor as palavras. Ambas tinham dificuldade em fixar palavras de imediato e precisavam de muitas repetições para aprender. Esse processo reforça a importância da datilologia com repetição para a memorização.

Para ampliar ainda mais o vocabulário, a mãe criou categorias utilizando fotos na parede e potes divisórios, nos quais organizou palavras de acordo com cada tema. Esse método ajudou muito as filhas a expandirem o vocabulário e a desenvolverem habilidades de leitura e escrita de forma mais leve.

Na prática educativa, a mãe e a filha começam escolhendo uma categoria, como frutas. Elas leem juntas e fazem os sinais várias vezes. Depois, a criança tenta lembrar sozinha, repetindo até memorizar todas as frutas. Em seguida, a mãe pergunta o nome de cada sinal e pede para a criança soletrar as palavras sem usar Libras. Esse processo se repete até que ela fixe bem o conteúdo, passando depois para outra categoria. Veja as imagens abaixo:

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port\\_surdos.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf).

Figura 5 – Potes de divisórias



Fonte: elaboração dos autores

Figura 6 – Carta com palavras



Fonte: elaboração dos autores.

Uma prática pedagógica para brincar e, ao mesmo tempo, estimular a aprendizagem. Os potes são divididos por categorias para ajudar na memorização. A criança escolhe uma imagem, procura a

palavra correspondente e a soletra. Outra opção é o adulto soletrar uma palavra, e a criança deve procurá-la até encontrar. Ao acertar, ela faz o sinal e busca a imagem correspondente. O processo é repetido até que a criança memorize e escreve a frase.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo mostrou como a datilologia pode fazer uma grande diferença no aprendizado de crianças surdas, ajudando a se aproximar da escrita em português. Muitas vezes, ela é vista apenas como um jeito de soletrar nomes e palavras sem sinais, mas supera sua função tradicional de soletração, tornando-se recurso pedagógico fundamental. Na prática, a datilologia é uma ponte entre a Libras e o português escrito, tornando o processo de alfabetização mais acessível.

É essencial entender a importância da datilologia para a memorização. A repetição também tem um papel fundamental nesse processo. Crianças ouvintes memorizam com mais facilidade porque escutam palavras o tempo todo – na escola, em casa, na televisão e nas redes sociais. Esse contato constante com a língua falada faz com que elas aprendam sem perceber. Já as crianças surdas vivem outra realidade. Muitas aprendem apenas na escola, e nem todos os professores têm o hábito de datilografar com os alunos. Além disso, a maioria das crianças surdas (cerca de 99%) vem de famílias ouvintes que não usam Libras no dia a dia. Isso significa que, fora da escola, elas quase não têm contato com a língua, o que afeta a memorização. A falta de acessibilidade na televisão e em outros meios de comunicação também dificulta esse processo, tornando o aprendizado mais lento.

Quando a datilologia é usada frequência, ela ajuda a ampliar o vocabulário e a fixar as palavras na memória. Repetir as palavras datilografando faz com que a criança reconheça com mais facilidade a estrutura do português escrito. Além disso, recursos visuais, como cartazes, jogos e atividades lúdicas, tornam o aprendizado mais estimulante.

O papel da família também é muito importante. Crianças surdas que crescem em lares onde a Libras é usada e incentivada aprendem com mais rapidez. Mas, para aquelas que vivem em famílias ouvintes que não conhecem Libras, o processo de aprendizado da escrita se torna mais difícil. Isso reforça a necessidade de um ensino bilíngue de qualidade, garantindo que as crianças surdas tenham acesso tanto à Libras quanto ao português de forma.

Por isso, a datilologia não deve ser vista apenas como um complemento, mas como um conteúdo essencial no ensino bilíngue. Professores, intérpretes educacionais e familiares podem incluir essa prática no dia a dia da criança, tornando o aprendizado da escrita mais natural e eficiente.

Para finalizar, este estudo reforça a importância de continuar pesquisando sobre como a datilologia contribui para a alfabetização de crianças surdas. Com mais estudos e estratégias bem

planejadas, é possível melhorar a inclusão e garantir que essas crianças tenham um ensino mais justo, respeitando seu direito linguístico e fortalecendo seu acesso à leitura e à escrita.



## REFERÊNCIAS

- ALFABETO, M. B. Standard manual alphabet. Revista Pandora Brasil, n. 17, Abr. 2010.
- BONET, Juan Pablo. Redução das letras e da arte para ensinar a falar nas lamas . Madri: [Editora original, Imprenta Real], 1620.
- CASTRO JÚNIOR, G. de. Projeto VarLibras. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília UnB, Brasília, 2014.
- FERREIRO, Emília. Com todas as letras. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- GESSER, A. Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GESSER, A. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? In: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- GOMES, S. T. Teorias cognitivas: Piaget, Vygotsky e Wallon. In: GOMES, S. T. Psicologia do desenvolvimento. Salvador: Editora Sanar, 2017.
- LANE, H. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- BRASIL. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Casa Civil, Brasília, DF, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm)> Acesso em 5 fev. 2025.
- LIMA, P. da S. Política linguística, surdez e educação de jovens e adultos: caminhos para a EJA SURDOS. 2019. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras: Educação, Cultura e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista, 2019.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- QUADROS, R. M. de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.
- QUADROS, R. M. de. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In: FINGER, Ingrid; QUADROS, R. M. de. Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008, p. 45-82.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SILVA, L. O.; SILVA, W. C. da; MELO, L. G. de. Desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo no processo de aquisição da língua de sinais Libras. Humanidades, v. 4, n. 1, fev. 2015. Disponível em: [https://www.revistahumanidades.com.br/arquivos\\_up/artigos/a38.pdf](https://www.revistahumanidades.com.br/arquivos_up/artigos/a38.pdf). Acesso em: 5 fev. 2025.

STROBEL, K. História da educação de surdos. 2009. 49 f. TCC (Licenciatura em Letras-Libras) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

WILCOX, P. P. Metaphor in American Sign Language. Washington D.C.: Gallaudet, University Press, 2000.